# A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO

**PRISCILA VALÉRIA DOS SANTOS**

RESUMO

Este estudo se propôs a dar um passo para a articulação de esforços teóricos a partir do levantamento e de pesquisas sobre a relação escola-família. Mas para que essa relação de integração tenha algum sucesso é necessário que desenvolver algumas ações no cotidiano da escola, aluno e professor. As diferenças entre as escolas e as famílias são evidenciadas por vários fatores, estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, discussões frequentes, a falta de diálogos entre aluno-escola-família, a própria formação familiar, mas acredito que os motivos que mais determinam o desempenho do aluno na escola são a sua origem cultural, social e a vida familiar. É preciso estimular a relação família-escola levando em consideração as diferenças regionais e sociais que caracterizam a nossa cultura. A parceria da família com a escola deverá sempre ser fundamentada para o sucesso da educação dos alunos. Portanto, pais e educadores necessitam ser parceiros e companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano, como participar ativamente das reuniões, participar dos conselhos de classe, acompanhar os conteúdos destinados a serem realizados em casa, auxiliar nas dificuldades com os conteúdos, dialogar, incentivar e acompanhar o crescimento do indivíduo dentro e fora do ambiente escolar.

Osório (1996, p.81-82) afirma que existe a necessidade de definir bem o papel dos pais na vida educacional de seus filhos. A participação da escola não isenta os pais nas obrigações sociais com seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Família; Aluno; Professor; Educação.

## 1.INTRODUÇÃO

A maneira como a família e a escola se relaciona mudou muito com o passar do tempo, e a família já não é tão presente como outrora fora, por muitos fatores, entre eles a inserção da mulher no mercado de trabalho, não tendo mais a figura materna que se dedicava apenas a criação e educação dos filhos. Levando isso em consideração, busco compreender o processo histórico desta relação e questionamos a relevância da relação família-escola no processo de aprendizagem dos alunos e problematizamos como a participação da família na rotina escolar interfere positiva ou negativamente para este aluno, ajudando na formação integral do sujeito. É na família que a criança encontra seus primeiros exemplos a serem seguidos.

Para isso, a família deve ter a consciência sobre o valor de estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Isso implica em comprometimento, colaboração, envolvimento, e estar sempre atentos a todas as suas dificuldades, tanto cognitivas como comportamentais, intervindo sempre que necessário, impondo limites e justificando para que a criança compreenda.

A escola atual tem se preocupado cada vez mais com a participação da família no contexto e na rotina escolar, estudos como o da UNESCO em parceria com o Ministério da Educação (MEC) “Interação família-escola: Subsídios para práticas escolares”, publicado em 2009, comprovaram que o tempo e dinheiro investido pela família na educação da criança afeta grandemente em seu processo de aprendizagem. Entretanto, apesar de a escola estar promovendo muitas reflexões sobre a problemática, necessitamos ainda de uma estratégia para atrair as diversas famílias, e concordando com o documento citado acredito que quanto mais tempo a família se omite de seu papel, mais longe ficamos do objetivo de equidade1 na educação dos nossos alunos. Esta pesquisa busca então, compreender o processo histórico dessa relação família escola, suas diferenças baseadas em fatores sociais, econômicos e culturais, baseando-se na ampla literatura e bibliografia do tema, para analisar qual a relevância da relação família e a escola na aprendizagem dos alunos, considerando o cenário da participação e da omissão, pois como afirma Platão (427-347 a.C.) (apud Araújo, Marciano Vieira de. Barros, Delma. 2019, p. 6) “é fundamental que todos conheçam a história e entendam que ela é feita por nós a cada dia, caso contrário, nossa identidade não se constrói".

1 Equidade: substantivo feminino, significa: igualdade, simetria, retidão, imparcialidade, conformidade.

## FAMÍLIA: DO SURGIMENTO AOS DIAS ATUAIS

Estima-se que o surgimento da família advém do descobrimento, por pesquisadores, de quatro corpos, que acreditavam ser de um pai, uma mãe e duas crianças, que viveram a 4600 anos atrás, determinando como ponto de origem aos grupos familiares, de acordo com Haak (2008). Historiadores acreditam que o termo Família, vem do latim Famulus que significa servente, fazendo alusão aos escravos, por serem considerados uma propriedade na Grécia Antiga. Nesse

sentido, significa grupo de fâmulos, criados da mesma casa, o que nos remete a ideia de que para eles a definição de família era quem morava na mesma casa.

Segundo CARVALHO, (2003, p.31), na Roma antiga a família era denominada pelo agregamento de um "mesmo grupo político formado por várias gerações" e sob o comando do "senhor da casa". Essa raiz etimológica revela a natureza possessiva das relações familiares entre os povos primitivos, desta forma, a mulher devia obedecer a seu marido, como seu amo e senhor, e seus filhos pertenciam a seus pais, a quem deviam suas vidas.

Aristóteles (1982, I, 2, 1253) afirmava que "a família é uma comunidade de todos os dias, com a incumbência de atender as necessidades primárias e permanentes do lar". Cícero (Nélson Jahr Garcia,2002) já afirmou que a família é "o princípio da cidade e origem ou semente do Estado".

A família é uma entidade que antecede a religião e o Estado, vem dos tempos primórdios e se constituiu naturalmente pelo simples processo de continuidade da vida, a necessidade de proteção, o desejo natural por uma vida sexual e a necessidade de estar próximo de outro ser humano. Esta família milenar como qualquer outra instituição e a própria raça humana sofreu mudanças severas com o passar do tempo, a chegada do Estado, da Igreja e das regras sociais. Para Prado (1981, p. 86), "a família é a instituição social histórica mais antiga, é a instituição mais solida desde a era cristã, pois apesar de seus conflitos, continua manifestando grande capacidade de sobrevivência e de adaptação às tendências sociais e culturais manifestadas nas diversas sociedades".

Na Idade Média no grupo familiar não existia sentimentos, e sim a necessidade de continuidade da família, em que os casamentos eram feitos por descendências e interesses financeiros e de ascensão social. As crianças, por sua vez, eram vistas como o adulto em miniatura, não existia afetividade nas famílias e muitas morriam antes de chegar a adolescência, por conta das situações precárias ou pelas doenças que existiam e devido a isto, as mães eram aconselhadas a não se apegarem aos filhos e acabavam entregando-os para "casas de cuidado". A importância para estas famílias, era a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, transformando as crianças em insignificantes para os adultos, pois quando mostravam um pouco de desenvolvimento físico os adultos já levavam-nos para o trabalho. Não havia distinção entre o mundo infantil e o mundo adulto, e, "assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos" (ARIÈS, 2006, p.156).

As Revoluções Francesa e Industrial criaram novos paradigmas no que era conhecido por casamento e família, na primeira os casamentos passaram a ser laicos e com a Revolução Industrial houve a migração do campo para a cidade, o que culminou numa nova forma de ver a família, com um número menor de pessoas e mais sentimento.

Nesta época a mulher passa a ser vista como membro ativo, começa a trabalhar nas fábricas e tornam-se responsáveis pela educação dos filhos nas escolas.

Pensando em um passado mais recente, a família, de um século para cá já começava a se apresentar no que entendemos por este conceito atualmente, em que o casamento não é o único meio de constituir família, não sustentamos mais o modelo tradicional (pai, mãe e filhos) como único modelo familiar, mas sim acredito na sua diversidade, aquele tipo familiar patriarcal e/ou matriarcal, foi deixando de existir e pouco a pouco são constituídas famílias de diversos modelos, desde a antiga tradicional pai, mãe e filhos, como apenas por pai e filhos, mãe e filhos, por avós e netos, outras formadas por casais vindos de outros relacionamentos, além de famílias compostas por homossexuais, crianças adotadas ou apadrinhadas, e a escola tem que fazer um estudo sobre essas famílias atuais, para que possa contribuir na formação cultural e social tanto da família como das crianças. Cabe aqui ressaltar que a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em seu Art. 5º. declara a igualdade entre o homem e a mulher; no Art. 226, parágrafos 3º e 4º reconhecem na família a relação proveniente da união estável e da monoparentalidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes e, ainda no Art. 227, parágrafo 5º, as relações ligadas pela afinidade e pela adoção. O código civil brasileiro, em vigor desde 11 de janeiro de 2003, considera qualquer união estável entre pessoas que se gostam e se respeitam, ampliando assim o conceito de família. Porém, mesmo com toda essa diversidade podemos citar algumas características que as famílias atuais vêm apresentando em comum como, a diminuição do número de membros, aumento na participação feminina no mercado de trabalho, participação de vários membros da família em sua economia, quanto mais rica mais responsáveis pela família, quanto mais pobres mais os filhos contribuem na renda familiar.

O modelo familiar embasado no pai provedor e chefe de família, e na mulher dona de casa e rainha do lar, começa a ruir (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012), com a inserção da mulher no mercado de trabalho, no Brasil e no mundo, modificou a organização das famílias (JARDIM, 2006), já que não teria mais a figura materna em período integral dedicando-se apenas a criação dos filhos e manutenção dos afazeres domésticos, provocando mudanças e afetando também a escola, uma vez que a presença da mãe em casa já não era uma constante, foi necessário pensar em algum lugar para as crianças ficarem, assim

transferindo a responsabilidade e tarefas para terceiros ou até mesmo para a escola.

Içami Tiba (2012, p.116) diz que:

Os pais sabem de suas responsabilidades quanto ao futuro de seus filhos. Quando se sentem incapazes incluindo aqui um certo conforto, tendem a delegar a educação de seus filhos a terceiros: escola, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, babás, funcionários, avós tios dos filhos etc.

Nesse ponto de vista, a vida familiar e escolar trafega pelo mesmo caminho, ficando difícil separar aluno e filho. Dessen e Polonia (2007), por exemplo, afirmam que a escola e a família são encarregadas de transmitir o conhecimento para a criança, mas a diferença acontece de acordo com o ambiente em que essa criança está inserida. No ambiente escolar essa transmissão ocorre de uma maneira diferenciada da que ocorre no ambiente familiar, sendo a escola e a família são essenciais para o desenvolvimento da criança, sendo para incentivar ou até mesmo bloquear o crescimento físico, intelectual, emocional e social da mesma.

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996, p. 111).

A trajetória e transformação da relação escola-família com o passar do tempo;

A família é uma entidade que antecede a religião e o Estado, vem dos tempos primórdios, se constitui naturalmente pelo simples processo de continuidade da vida, a necessidade de proteção, o desejo natural por uma vida sexual e a necessidade de estar próximo de outro ser humano.

Esta família milenar como qualquer outra instituição e própria raça humana sofreu mudanças severas com o passar do tempo, a chegada do Estado, da igreja e das regras sociais.

Na Idade média as crianças eram vistas como o adulto em miniatura, não existia afetividade nas famílias, muitas morriam antes de chegar a adolescência, por conta das situações precárias ou pelas doenças que existiam e por isso as mães eram aconselhadas a não se apegarem aos filhos e acabam os entregando para “casas de cuidado”, e o que de fato era importante para eles era a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, elas acabavam sendo insignificantes para os adultos, pois quando mostravam um pouco de desenvolvimento físico os adultos já os levavam para o trabalho. Não havia distinção entre o mundo infantil e o mundo adulto, e, “assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos". (ARIÈS, 2006, p.156).

Pensando em um passado mais recente a família de um século para cá já começava a se apresentar no que entendemos por família hoje, onde o casamento não é o único meio de constituir família, não sustentamos mais o modelo tradicional (pai, mãe e filhos) como único modelo de família, mas sim acredito na sua diversidade, aquele tipo familiar patriarcal e/ou matriarcal, foi deixando de existir e estão sendo constituídas em diversos modelos, desde a antiga tradicional pai, mãe e filhos, como apenas por pai e filhos, mãe e filhos, por avós e netos, outras formadas por casais vindos de outros relacionamentos, além de famílias compostas por homossexuais, crianças adotadas ou apadrinhadas, e a escola tem que fazer um estudo sobre essas famílias atuais, para que possa contribuir na formação cultural e social tanto da família como das crianças.

E não apenas isso, mas a inserção da mulher no mercado de trabalho modificou a organização das famílias (JARDIM,2006), já que não teria mais a figura materna em período integral dedicada apenas a criação dos filhos e manutenção dos afazeres domésticos, e de acordo com o texto: Breve ensaio sobre família: da pré-história à contemporaneidade, essa mudança começa na revolução industrial que criou tantas vagas para as mulheres no mercado de trabalho.

As mudanças deste período afetaram também a escola, pois já que já não se tinha a mãe em casa foi necessário pensar em algum lugar para as crianças ficarem, e foi primeira vez onde os filhos dos assalariados estiveram em um lugar parecido com escola.

A vida familiar e escolar trafega pelo mesmo caminho, ficando difícil separar aluno e filho, nesta visão quanto maior for a relação família-escola, melhor será o desempenho escolar da criança.

Dessen e Polonia (2007) afirmam que a escola e a família são encarregadas de transmitir o conhecimento para a criança, mas a diferença acontece de acordo com o ambiente em que essa criança está inserida. No ambiente escolar essa transmissão ocorre de uma maneira diferenciada da que ocorre no ambiente familiar, sendo a escola e a família são essenciais para o desenvolvimento da criança, sendo para incentivar ou até mesmo bloquear o crescimento físico, intelectual, emocional e social da mesma.

O Acompanhamento da Família na Escola

As escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e os pais têm direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais. Conforme a Lei de Diretri-

zes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Infelizmente estes princípios não são praticados por todas as partes e para que se tenha um bom relacionamento entre escola e família, a iniciativa deve partir da escola, pois grande parte das famílias não sabem e nem entendem como surgem as características do desenvolvimento social, moral, afetivo, cognitivo e da aprendizagem, por isso eles sentem muita dificuldade de participar da vida educacional de seus filhos, para os pais os professores os professores devem assumir a educação dos filhos por serem especialista em educação, como afirma Heloisa Szymanski, doutora em educação pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e pós-doutorado pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, em entrevista: A escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar contas do seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos. "Os educadores precisam deixar de lado o medo de perder a autoridade e aprender a trabalhar de forma colaborativa"

A escola deve abrir seus portões para a família para que eles possam assumir um papel ativo de participação, e não de coadjuvante ou espectador. É de necessário que cada um tenha consciência do seu papel e seus deveres na vida do aluno para que nessa união consigam desenvolver a esta criança e descobrirem juntos como essa ela aprende, pois como diz Arroyo (2000):

[...] os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas. Trocando os ornamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando. (ARROYO, 2000, p. 166)

Família e escola devem caminhar juntos na intenção de preparar a criança para o mundo, superando a todos os obstáculos que vão surgindo na trajetória tanto da escola quanto dos pais. A escola deve exercer sua função educativa junto aos pais também, informando orientando, discutindo sobre todos os assuntos relevantes a educação, e desempenho da criança. PIAGET

escreveu que:

[...] e toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos. (PIAGET, 2007, p. 50).

Para que os pais tenham interesse em dialogar com a escola, em participar do processo educativo dos filhos, é necessário que se sintam acolhidos e valorizados pela instituição escolar. Essa é uma preocupação que a escola precisa ter se quiser favorecer que a aproximação aconteça. A professora e pesquisadora Heloisa Szymanski, defende que: Não existe uma regra geral de aproximação da família. Cada escola precisa descobrir junto com as famílias um jeito de trazer essa participação".

A escola e a família são as instituições que fornecem a segurança necessária para a sustentação ao bom desenvolvimento da criança, por isso, quanto melhor for a parceria entre elas, mais positiva e significativa será o desempenho escolar das crianças.

E para que isso ocorra é necessário que a escola abra suas portas para as famílias, intensificando e garantindo sua permanência através de reuniões, convite para participar das elaborações das datas comemorativas, das festas da escola, tornando para os pais a escola um local mais interessante e atrativo e motivador. Podemos nos defrontar com sérios obstáculos que podem atrapalhar os pais a ajudarem seus filhos nas tarefas de casa, mas é preciso que se esforcem e se preciso, pedir a escola que os orientem.

As famílias devem criar um ambiente minimamente favorável para que as crianças possam estudar, é sabido que há famílias que não tem condições de ter uma mesinha com cadeira, ou um cantinho para a criança estudar, mas é de suma importância que essa família leve para a escola esse assunto para que juntos tentem resolvê-lo, como diz Saviani (2000).

Tem pais e mães que trabalham o dia inteiro, e quando chegam em casa, ainda tem seus afazeres e não tem tempo para fazer as tarefas com seus filhos, mas ele pode incentivá-los, mesmo sem ajudá-los, ou mesmo sem saber aquela tarefa como se faz. Essas dificuldades encontradas por muitos pais podem na verdade ser oriundas de más recordações da sua vida escolar como afirma Mittler (2003 p.205-2006);

Assim, seria possível manter certo grau de diálogo com as famílias dos alunos o que contribuiria para estabelecer algum tipo de colaboração entre a ação da escola e a ação da família tendo em vista o objetivo de assegurar às crianças um satisfatório desempenho escolar.

## CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a dar um passo para a articulação de esforços teóricos a partir do levantamento e de pesquisas sobre a relação escola-família. Para uma relação bem-sucedida, não existe modelo pronto e pelo que encontramos nas pesquisas nunca vai ter. Ela deve acontecer de acordo com as necessidades e os problemas que vão surgindo.

Mas para que essa relação de integração tenha algum sucesso é necessário que desenvolvamos algumas ações no cotidiano da escola, aluno e professor.

Visto que, a escola mudou vertiginosamente nos últimos 70 anos, saímos de uma escola para poucos, para uma escola para todos. Essa nova escola é um desafio para os professores e as escolas, sem mencionar que a maioria das famílias também não se conscientizaram da importância da educação formal para seus filhos, elas ainda trazem em seu íntimo que "para que estudar, nada vai melhorar mesmo", por isso a importância de trazer a família e a comunidade para dentro da escola e levar a escola até eles.

As diferenças entre as escolas e as famílias são evidenciadas por vários fatores, estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, discussões frequentes, a falta de diálogos entre aluno-escola-família, a própria formação familiar, mas acredito que os motivos que mais determinam o desempenho do aluno na escola são a sua origem cultural, social e a vida familiar.

Seria ilusão também imaginar que só a presença da família na escola tudo seria resolvido.

O estreitamento entre o mundo escolar e familiar, pode não ser suficiente para mudar uma situação tão antiga, mas tão presente da conversão das desigualdades sociais e desigualdades escolares, as escolas devem buscam por diferentes meios uma aproximação das famílias de seus alunos.

A escola não pode mexer na qualidade social do aluno, mas pode trabalhar na qualidade, desenvolvimento e engajamento no trabalho do professor.

A escola deve garantir aos seus alunos o direito de aprender, independente das condições de seu grupo familiar, nosso país é muito grande e diversificado, por isso, a escola deve compreender e buscar soluções para os fatores que levam os pais à pouca frequência na escola e no acompanhamento escolar dos seus filhos

É preciso estimular a relação família-escola levando em consideração as diferenças regionais e sociais que caracterizam a nossa cultura. A parceria da família com a escola deverá sempre ser fundamentada para o sucesso da educação dos alunos. Portanto, pais e educadores necessitam ser parceiros e companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

É papel da família:

- Matricular a criança na escola, saber como a escola atua diante de situações importantes, para que se crie um vínculo de confiança;

-Cumprir as regras que são estabelecidas, e quando não concordar ir à escola conversar e juntos encontrar meios para solução daquele problema;

-Estar sempre dispostos a dialogar com a criança e saber o que ela está vivenciando na escola;

-Dar liberdade, com monitoramento, para que a criança sempre tente resolver seus problemas sozinhos, seja escolar ou não, e só interferir quando necessário, dando autonomia e responsabilidade;

-Frequentar as reuniões, verificar as dificuldades da criança;

Osório (1996, p.81-82) afirma que existe a necessidade de definir bem o papel dos pais na vida educacional de seus filhos. A participação da escola não isenta os pais nas obrigações sociais com seus filhos. Ainda, segundo o autor, "Não se deve delegar à escola tarefas que continuam sendo da família. Cabe a esta oferecer a criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade".

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.). A Família Contemporânea em Debate. 3ª Edição. São Paulo: Cortez/EDUC, 2003.

ARAÚJO, Marciano Vieira de. BARROS, Delma. Formação de professores, currículo e práticas pedagógicas no município de Aquiraz. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 05, Vol. 06, pp. 56-201. Maio de 2019.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas: Universidade Federal dos Vales dos Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, v. 1, n. 2, 2012.

SANTOS, Carolina M. M., As mulheres brasileiras: Do espaço privado da casa para as posições executivas nas organizações brasileiras. Programa de Pós-Graduação em Administração. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012, p. 1-199.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Scielo

SANTOS, Kátia Regina Matos dos. Presença da família na escola, 2019.Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc17-1.pdf Acesso: 15/04/2019

CUNHA, Marcus Vinicius. A escola contra a família. In: Lopes, Eliana Marta Teixeira (org.). 500 anos de educação no Brasil. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica 2003. CURY, Augus-

to. Pais brilhantes, professores fascinantes. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

ARANHA, M.L. DE A. Filosofia da Educação. São Paulo: Moderna, 1989.

CARVALHO, M. B. DE. (Org). A Família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2004.

American Psychiatri Association Manual de Desordem Mental 5ª edição (DSM-V) 2013.

VENOSA, Sílvio Sálvio. Direito Civil - direito de família. São Paulo: Atlas, 2005, v.

SAVIANI, Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. São Paulo.

Editores Autores Associados, 2010. 498 p.

Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Ministérios das Comunicações, 1988.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006. 196 p.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Scielo

PIAGET, Jean. Para onde vai à educação. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre, Artmed: 2003.

BASSEDAS, Eulália. (org.) Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

JAEGER, Werner. Paideia. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Grécia Antiga. Revista História Ilustrada da Grécia Antiga. São Paulo: Escala, s/d. VARA, Lília Rosa Alexandre – Relação de ajuda à família da criança hospitalizada com doença de mau prognóstico num serviço de pediatria. Revista Portuguesa de

Enfermagem. Cacém: Instituto de Formação em Enfermagem. ISSN 0873-1586. N.º 1 (3º trim. 1996), p. 5-52.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 20